



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CURSO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINAR**

DOMINGOS SAVIO DE SOUSA

**A ARTE VISUAL NUMA PERSPECTIVA DESCONSTRUIDORA DA
INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**CAJAZEIRAS
2014**

DOMINGOS SAVIO DE SOUSA

**A ARTE VISUAL NUMA PERSPECTIVA DESCONSTRUIDORA DA
INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC -
apresentado ao Curso de Fundamentos da
Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares, pela Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, como exigência parcial para
obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Barros

CAJAZEIRAS

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725a Sousa, Domingos Savio De

A arte visual numa perspectiva desconstruidora da indisciplina escolar [manuscrito] : uma revisão bibliográfica / Domingos Savio de Sousa. - 2014.

54 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Marcos Antônio Barros, Licenciatura em Física".

1.Artes visuais. 2.Ensino-aprendizagem. 3.Disciplina do aluno. 4.Motivação. I. Título.

21. ed. CDD 371.3

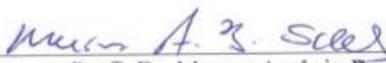
DOMINGOS SAVIO DE SOUSA

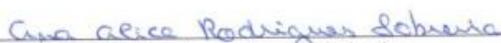
A ARTE VISUAL NUMA PERSPECTIVA DESCONSTRUIDORA DA
INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

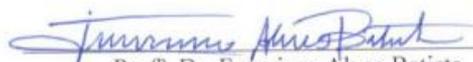
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC -
apresentado ao Curso de Fundamentos da
Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares, pela Universidade
Estadual da Paraíba - UEPB, como
exigência parcial para obtenção do título de
Especialista.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcos Antônio Barros
Orientador


Prof. Dra. Ana Alice R. Sobreira
Examinadora


Prof. Dr. Francisco Alves Batista
Examinador

CAJAZEIRAS-PB
2014

Toda a alegria que podemos encontrar em nossa longa jornada, enquanto seres humanos, não seria possível se não houvesse dedicação, escolhas e abdicção. Por isso, a força que nos move é a força que nos faz sonhar e dos sonhos tornar realidade. Assim é a arte e os seus atores, a quem **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus Pai Criador de tudo e de todos, por nos guiar e iluminar para que sejamos capazes de alcançar os nossos ideais e realizar os nossos sonhos, pois sem sua misericórdia nada seríamos.

A minha esposa Marluce e meus filhos, Beatriz, Felipe e Iago, pela compreensão, pela presença e pela alegria proporcionada a cada momento da minha vida.

A minha mãe pelo carinho, pelo incentivo e pela educação me dada ao longo dos meus anos, mostrando sabedoria e ensinando-me a trilhar sempre o caminho da virtude.

A todos os demais familiares que de alguma forma contribuíram para a construção do meu ser.

Ao professor Marcos Antonio Barros, pela sábia orientação e compreensão dada em todos os momentos em que buscamos os seus saberes.

Aos professores que dispensaram em todos os momentos de aula sabedoria e conhecimentos, numa demonstração de apreço e consideração por cada educando.

A todos que, direta e indiretamente, contribuíram nessa jornada de estudos e aprendizagens, acreditando no sucesso neste momento alcançado e ao qual compartilho com todos a minha alegria e inteira satisfação.

A maioria das artes exige longo estudo e aplicação, porém, a mais bela de todas, a simpatia, apenas exige vontade (Philip Chesterfield)

RESUMO

O ensino e aprendizagem, pautados nas artes visuais, pode exercer um significativo papel motivador para os educandos, bem como, para os educadores, pois não trata de limitar este ensino a disciplina específica, mas de forma interdisciplinar, sendo pois, possível romper com a indisciplina que vem tanto imperando nas nossas escolas. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar compreender a importância das artes visuais numa perspectiva motivadora e desconstruidora da indisciplina escolar sobre a égide de que o ensino de artes visuais pode tornar as aulas prazerosas, enriquecedoras e atrativas. Os objetivos específicos consistem em identificar situações motivadoras da aprendizagem através do ensino das artes visuais e suas metodologias; compreender os fundamentos teóricos e metodológicos que norteiam a prática pedagógica das artes visuais numa perspectiva desconstruidora da indisciplina e descrever os aspectos positivos das artes visuais em contribuir para o aperfeiçoamento dos alunos, com especial atenção, para o ensino e aprendizagem e apresentar a significação do ensino de artes visuais como ruptura da indisciplina escolar e formação da personalidade do educando. Diante de tudo o que foi construído, pode-se perceber que as artes visuais tem sido de suma relevância para o processo de interdisciplinaridade e tem sido significativa para maximizar o ensino e aprendizagem, bem como, favorecer um comportamento mais participativo dos alunos nas aulas, de forma lúdica e prazerosa.

Palavras-Chave: Artes Visuais. Ensino-Aprendizagem. Disciplina do aluno. Motivação.

ABSTRACT

The teaching and learning, guided by the visual arts can play a significant role motivating to learners as well as to educators, because this is not about limiting teaching discipline specific, but in an interdisciplinary manner, and therefore can break the indiscipline that has both reigning in our schools. In this context, the present study is to analyze general understand the importance of visual arts in a motivational perspective and desconstruidora school discipline under the aegis of the teaching of visual arts can make pleasurable, enriching and attractive classes. The specific objectives are to identify situations motivating learning through the teaching of the visual arts and their methodologies; understand the theoretical and methodological foundations that guide the pedagogical practice of the visual arts in desconstruidora prospect of indiscipline and describe the positive aspects of the visual arts in contributing to the betterment of the students, with special attention to teaching and learning and to present the significance of education visual arts as disruption of school discipline and training of the personality of the student. Given all that has been built, it can be seen that the visual arts have been of paramount importance to the process of interdisciplinarity and has been meaningful to maximize teaching and learning as well as foster a more participatory behavior of students in classes, a playful and pleasurable way.

Keywords: Visual Arts. Teaching and Learning. Discipline the student. Motivation.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – MARCO INTRODUTÓRIO.....	09
CAPÍTULO 2 – A INDISCIPLINA COMO UM DESAFIO A SER ENFRENTADO NA ESCOLA.....	12
2.1 CONCEITO DE INDISCIPLINA ESCOLAR.....	13
2.2 CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR.....	16
2.3 COMO MINIMIZAR OS PROBLEMAS RELACIONADOS À INDISCIPLINA ESCOLAR.....	20
CAPÍTULO 3 – TECENDO OLHARES SOBRE A ARTE VISUAL NUMA PERSPECTIVA MOTIVADORA E DISCIPLINAR.....	27
3.1 ARTE-EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	34
3.2 ARTES VISUAIS NA SALA DE AULA E SUAS PERSPECTIVAS FRENTE A INDISCIPLINA.....	36
3.2.1 A arte visual e a formação da personalidade do educando.....	37
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

CAPÍTULO 1 – MARCO INTRODUTÓRIO

O problema da indisciplina em sala de aula passou os limites de uma barreira que nunca se imaginava que fosse possível acontecer, ela se tornou um obstáculo para educadores, gestores e o próprio aluno no que concerne ao ensino-aprendizagem, esgotando quase que por completo as forças daqueles que buscam promover o conhecimento, a informação e a formação do ser cidadão consciente, crítico e reflexivo para uma sociedade mais justa, mais humanizada e comprometida com a própria existência da raça humana e do planeta como um todo. Muito já se buscou a fim de por um fim, ou pelo menos minimizar este problema de indisciplina, já não se sabendo o que fazer, chegando o educador em algumas oportunidades a pedir ao aluno indisciplinado que se retire da sala já que ele atrapalha o rendimento do restante do grupo.

Partindo desta premissa, acreditamos que a arte no contexto educacional tem buscado desmistificar modelos pragmáticos e práticas consideradas ultrapassadas, dando assim, uma nova esperança e perspectiva para romper com esse problema da indisciplina. A arte em seu todo tem possibilitado novas descobertas, novos fazeres pedagógicos que estão servindo de modelo para transformar o processo educacional numa forma mais prazerosa de estudar, encontrando nos educandos uma identidade artística que muitas das vezes deixam de existir por não haver a dose certa de motivação.

É nesta perspectiva que o presente projeto buscará se apresentar, desmistificando modelos tradicionais para alçar voos sobre as artes visuais como instrumento didático-pedagógico e metodológico para um ensino e aprendizagem inovadores, seja em qualquer nível educacional: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e até mesmo ensino superior.

Na maioria das escolas brasileiras, sejam de nível infantil, fundamental, médio ou superior, os educadores vêm enfrentando com bastante veemência uma conduta comportamental de indisciplina, violência, seja moral, afetiva, social e até mesmo corporal por parte de muitos alunos, que parecem está ali somente com o objetivo de causar transtornos na escola.

A Escola tem deixado muito a desejar quando se trata de trabalhar de forma efetiva e interdisciplinarmente a arte-educação, pois essa é uma realidade que está presente na educação de todo o país. Faz-se necessário a introdução de projetos audaciosos, que proporcione a aprendizagem a partir do prazer pelo aprender. Os modelos conteudistas tem

trazido uma gama de preocupações que se referem a como os educandos estão, no momento contemporâneo tratando o aprender. Muitos parecem dispersos, poucos interessados pelo ensino, o que tem ocasionado um índice de reprovação e evasão escolar bem acentuado, como tem gerido uma enorme onda de indisciplina a qual tem preocupado veementemente educadores e pesquisadores na área educacional, já que esta indisciplina vem tomando proporções inimagináveis.

Pensar e agir com a ideia de uma escola voltada para o prazer de aprender e estar aberto a uma série de mudanças na grade curricular, priorizando o aluno e as suas múltiplas inteligências, e, essas novas ideias, essas mudanças propõe que se implemente com maior veemência oficinas extra-curriculares na grade curricular do aluno. A Arte que valoriza a cultura dos alunos e propicia a formação do cidadão deve ser contemplada de maneira dinâmica e holística em busca de vivência, participação e apresentação da mesma.

Neste sentido, o presente projeto justifica-se como uma possibilidade de incentivo a implementação do estudo das artes visuais através de projetos diversos voltados para os aspectos culturais e sociais das crianças, como a dança, o teatro, o cinema, a ludicidade em geral como instrumento enriquecedor do ensino e aprendizagem e desconstruidor da indisciplina escolar.

Desta forma, diante da indisciplina dos alunos os professores se veem impotentes, temerosos, principalmente, em face do crescente índice de violência que se tem vivenciado ao longo das últimas décadas. Por outro lado, também tem se percebido que estão faltando inovações para o processo ensino e aprendizagem, onde as formas tradicionais continuam sendo a válvula de escape de muitos profissionais da educação, contribuindo assim para uma total desatenção e desinteresse dos educandos em sala de aula.

A falta de uma perspectiva motivadora no contexto escolar tem afastado os educandos das salas de aula e, quando esse afastamento não ocorre, impera-se a indisciplina como forma de alertar os profissionais de que os modelos tradicionais precisam ser repensados.

Desta forma o ápice para uma educação motivadora está em proporcionar meios e mecanismos de estudo que façam o aluno interagir de forma prazerosa, de forma dinâmica e participativa na construção dos saberes.

Assim, a arte visual no âmbito escolar, atuando como agente promotora do desenvolvimento cultural dos alunos, pode e deve ser propiciada como a base da educação. Neste sentido, a Arte/Educação dentro do processo disciplinar se torna um procedimento capaz de integrar a singularidade individual com a unidade social, possibilitando uma

interação entre as diferenças formas de fazer educação, desenvolvendo e ampliando os diversos tipos de inteligência que cada ser possui.

A arte permite ao aluno ousar, experimentar, explorar, sonhar, imaginar, descobrir, inventar e reinventar, errar, contextualizar, ou seja, desenvolve capacidades cognitivas. Através das atividades artísticas é propiciado o ver, conhecer, contextualizar, atribuir significado, com isso é trabalhado a atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, pensamento, afetividade, ou seja, pode ser oportunizado o desenvolvimento do conhecimento através de uma aprendizagem significativa.

O ensino e aprendizagem, pautados nas artes visuais, pode exercer um significativo papel motivador para os educandos, bem como, para os educadores, pois não trata de limitar este ensino a disciplina específica, mas de forma interdisciplinar, sendo pois, possível romper com a indisciplina que vem tanto imperando nas nossas escolas.

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar compreender a importância das artes visuais numa perspectiva motivadora e desconstruidora da indisciplina escolar sobre a égide de que o ensino de artes visuais pode tornar as aulas prazerosas, enriquecedoras e atrativas. Os objetivos específicos consistem em identificar situações motivadoras da aprendizagem através do ensino das artes visuais e suas metodologias; compreender os fundamentos teóricos e metodológicos que norteiam a prática pedagógica das artes visuais numa perspectiva desconstruidora da indisciplina e descrever os aspectos positivos das artes visuais em contribuir para o aperfeiçoamento dos alunos, com especial atenção, para o ensino e aprendizagem e apresentar a significação do ensino de artes visuais como ruptura da indisciplina escolar e formação da personalidade do educando.

Como forma de melhor disposição do presente estudo, o mesmo foi sistematizado para que haja uma maior compreensão dos leitores. Sendo assim, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro apresenta o marco introdutório onde são definidos o problema, a justificativa e os objetivos. No segundo capítulo, discorre-se acerca da indisciplina como um desafio a ser enfrentado pela escola, do conceito de indisciplina escolar e das causas e consequências desse indisciplina e, encerrando este capítulo, abordando como minimizar os problemas relacionados à indisciplina escolar. O capítulo terceiro tece olhares sobre a arte-educação numa perspectiva motivadora e disciplinar, apresentando a importância da arte-educação na construção da aprendizagem, artes visuais na sala de aula e suas perspectivas frente a indisciplina, voltando olhares para a importância desta arte na formação da personalidade do educando.

CAPÍTULO 2 – A INDISCIPLINA COMO UM DESAFIO A SER ENFRENTADO NA ESCOLA

Atualmente o problema de indisciplina em sala de aula vem se tornando em muitas escolas caso de polícia, onde alunos se auto-agridem, agriem professores, seja com palavras, seja fisicamente, e isso está se tornando cada vez mais presente nas escolas, tomando rumos desenfreados e imprevisíveis.

Assim, quando se pensava que a indisciplina em sala de aula era tão somente aquela em que o aluno era pouco participativo ou nada participativo nas aulas, conversador, brincalhão, distraído e distraidor, hoje é preciso repensar esses conceitos de indisciplina, e voltar às atenções para essa nova problemática que afeta professores, alunos e comunidade, através dos crimes que já tomam conta de muitas escolas do país.

Resta perguntar-se se esta mudança de comportamento faz parte de um processo de transformações que passam escola e sociedade; se este comportamento está vinculado a mudanças de cunho cultural e econômico, psíquico-afetivo ou outros fatores predisponentes para a implosão de uma nova ordem sócio-educativa, onde os direitos estão se sobressaindo sobre os deveres. Isto é, muito se fala em direitos e pouco se conduzem os deveres e obrigações que são emanados em leis e pela própria existência do homem.

As escolas vem vivenciando intensos conflitos cuja interfaces destes são protagonizados por interpessoalidades e particularidades de conflitos que acabam gerando uma fonte de estresse, medos, descredibilidade, desconfiança e acima de tudo falta de cumplicidade entre educadores e educandos, e estas situações de conflitos podem e devem ser associadas a vários fatores de ordem moral, cultural e social. Ou seja, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente.

Existem fortes indícios de que o conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada não só do ponto de vista disciplinar, mas social, econômico, cultural, integrando estes conceitos de indisciplina escolar de maneira ampla, onde é preciso integrar diversos aspectos. Não se pode restringir a indisciplina escolar a aspectos meramente ultrapassados arraigados por uma dimensão do comportamento como fator disseminador do mesmo. É preciso, pois, galgar valores, vivenciar essas novas transformações de cunho técnico-científico, com o avanço dos meios de telecomunicação, os meios de internalização com o mundo exterior através da informatização e uma geração de conflitos interpessoais,

voltada pelo saber fazer que para muitos alunos já é o bastante para se saber, em detrimento de participar de uma aula ou não.

Assim, o termo conceitual de indisciplina pauta-se em alguns fatores imprescindíveis, que precisam ser colocados como relevantes para a compreensão do mesmo, quais sejam, colocando de um lado, as condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula e do outro, aspectos voltados para a crescente implosão de novas manias, novos comportamentos morais. É válido salientar, que mesmo se pensando em novos comportamentos morais, acredito pois que condutas morais não devem mudar, pois a moral é única e imutável. Assim, por outro lado considerar a indisciplina sob uma ótica dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar - com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc.

É fundamental ainda pensar a indisciplina como desenvolvimento cognitivo dos estudantes, voltando-se sob a analogia na qual define a como incompatível entre as posturas assumidas pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

Partindo desta lógica é possível perceber que este modo de conceituação situa a indisciplina como uma depuração que remonta de um lado a escola como detentora das relações de mediatizadoras da obliteração dos conflitos internos do indivíduo (no caso alunos e os próprios educadores) e de outro a sociedade que vem se degladiando moralmente e eternalizando uma nova forma de vivenciar condutas e princípios morais e éticos.

2.1 CONCEITO DE INDISCIPLINA ESCOLAR

Na maioria das escolas brasileiras, sejam de nível infantil, fundamental, médio ou superior, os educadores vêm enfrentando com bastante veemência uma conduta comportamental de indisciplina, violência, seja moral, afetiva, social e até mesmo corporal por parte de muitos alunos, que parecem está ali somente com o objetivo de causar transtornos na escola.

Atualmente o problema de indisciplina em sala de aula vem se tornando em muitas escolas caso de polícia, onde alunos se auto-agridem, agriem professores, seja com palavras, seja fisicamente, e isso está se tornando cada vez mais presente nas escolas, tomando rumos desenfreados e imprevisíveis.

Assim, quando se pensava que a indisciplina em sala de aula era tão somente aquela em que o aluno era pouco participativo ou nada participativo nas aulas, conversador, brincalhão, distraído e distraidor, hoje é preciso repensar esses conceitos de indisciplina, e voltar às atenções para essa nova problemática que afeta professores, alunos e comunidade, através dos crimes que já tomam conta de muitas escolas do país.

Resta perguntar-se se esta mudança de comportamento faz parte de um processo de transformações que passam escola e sociedade; se este comportamento está vinculado a mudanças de cunho cultural e econômico, psíquico-afetivo ou outros fatores predisponentes para a implosão de uma nova ordem sócio-educativa, onde os direitos estão se sobressaindo sobre os deveres. Isto é, muito se fala em direitos e pouco se conduzem os deveres e obrigações que são emanados em leis e pela própria existência do homem.

O problema da indisciplina em sala de aula passou os limites de uma barreira que nunca se imaginava que fosse possível acontecer, ela se tornou um obstáculo para educadores, gestores e o próprio aluno no que concerne ao ensino-aprendizagem, esgotando quase que por completo as forças daqueles que buscam promover o conhecimento, a informação e a formação do ser cidadão consciente, crítico e reflexivo para uma sociedade mais justa, mais humanizada e comprometida com a própria existência da raça humano e do planeta como um todo. Muito já se buscou a fim de por um fim, ou pelo menos minimizar este problema de indisciplina, já não se sabendo o que fazer, chegando o educador em algumas oportunidades a pedir ao aluno indisciplinado que se retire da sala já que ele atrapalha o rendimento do restante do grupo.

As escolas vem vivenciados intensos conflitos cuja interfaces destes são protagonizados por interpessoalidades e particularidades de conflitos que acabam gerando uma fonte de estresse, medos, descredibilidade, desconfiança e acima de tudo falta de cumplicidade entre educadores e educandos, e estas situações de conflitos podem e devem ser associadas a vários fatores de ordem moral, cultural e social. Ou seja, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente.

Existem fortes indícios de que o conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada não só do ponto de vista disciplinar, mas social, econômico, cultural, integrando estes conceitos de indisciplina escolar de maneira ampla, onde é preciso integrar diversos aspectos. Não se pode restringir a indisciplina escolar a aspectos meramente ultrapassados arraigados por uma dimensão do comportamento como fator disseminador do

mesmo. É preciso, pois, galgar valores, vivenciar essas novas transformações de cunho técnico-científico, com o avanço dos meios de telecomunicação, os meios de internalização com o mundo exterior através da informatização e uma geração de conflitos interpessoais, voltada pelo saber fazer que para muitos alunos já é o bastante para se saber, em detrimento de participar de uma aula ou não.

Assim, o termo conceitual de indisciplina pauta-se em alguns fatores imprescindíveis, que precisam ser colocados como relevantes para a compreensão do mesmo, quais sejam, colocando de um lado, as condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula e do outro, aspectos voltados para a crescente implosão de novas manias, novos comportamentos morais. É válido salientar, que mesmo se pensando em novos comportamentos morais, acredito pois que condutas morais não devem mudar, pois a moral é única e imutável. Assim, por outro lado considerar a indisciplina sob uma ótica dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar - com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc.

É fundamental ainda pensar a indisciplina como desenvolvimento cognitivo dos estudantes, voltando-se sob a analogia na qual define a como incompatível entre as posturas assumidas pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes.

Partindo desta lógica é possível perceber que este modo de conceituação situa a indisciplina como uma depuração que remonta de uma lado a escola como detentora das relações de mediatizadora da obliteração dos conflitos internos do indivíduo (no caso alunos e os próprios educadores) e de outro a sociedade que vem se degladiando moralmente e ternalizando uma nova forma de vivenciar condutas e princípios morais e éticos.

Compete a instituição escolar considerar o quadro concreto das condições e desenvolvimento dos alunos e de suas necessidades, bem como garantir-lhes as reais condições de apropriação do processo de ensino-aprendizagem. Assim, as expectativas da escola, por exemplo, devem refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na escola, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam.

2.2 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR

A ausência de bases democráticas no modo como se articulam as relações entre professores e estudantes no interior da escola, por exemplo, pode desencadear resistência e contestação por parte dos estudantes aos próprios esquemas da escola, o que deve ser considerado uma expressão de indisciplina carrega uma legitimidade e pertinência difíceis de negar.

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Ao contrário, está “evoluindo” nas escolas. Sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores. As expressões e o caráter da indisciplina, por exemplo, apresentam mudanças (AQUINO, 2006).

A indisciplina tornou-se um fenômeno de estudos e pesquisas, onde estudiosos buscam de maneira prática e mensurável conduzir os fatores que contribuem para essa nova ordem dentro da educação, não só brasileira, mas em muitos outros países, inclusive nos EUA. Não trata de tão somente conhecer a amplitude e magnitude destas manifestações negativas, corriqueiras, impertinentes e amedrontadoras. É preciso tentar conhecer o que leva um jovem, ou até mesmo uma criança a manifestar comportamentos de intolerância, de impaciência.

A indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes, complexo em seu contexto social e educacional, fazendo com que professores se vejam diante de um problema quase sem solução, ou que pelo menos de uma solução muito mais difícil do que se possa imaginar.

Descrever as causas que germinam e frutificam a indisciplina na sala de aula é recorrer aos hábitos familiares, culturais e social destes alunos, pois são muitos os fatores que podem ser reais causadores deste fenômeno.

A indisciplina do aluno começa mesmo quando criança, quanto a criança é condicionada a um tipo de educação baseada em uma estrutura familiar, onde os pais não se respeitam, onde irmãos não se respeitam, se agredem; onde o modo de agir, de pedi e até mesmo de mandar são fatídicos, compulsórios e molestadores. Uma criança no ambiente onde não há harmonia ela só aprenderá ser desarmônico com os seus semelhantes, seu próximo. Aspectos como estes residem na alteração da natureza dominante das expressões de indisciplina na escola.

A realidade educacional dos estudantes se afirmam, ampliam e refinam uma verdadeira “bagunça engajada”, onde alunos se associam, se agrupam em prol de promover atos e ações escabrosas, vândalas sem nenhum receio de que estão a cometer algo grave. Torna-se notório que mesmo convergindo na maneira de pensar e de agir, eles se unem quanto os interesses passam a compatibilizar seus ideários, sejam positivos ou negativos. E isso engrandece esse movimento desnordeador de comportamentos e princípios éticos e legais.

Isso ocorre, por exemplo, quando os alunos de uma turma de ensino médio, mesmo formada por grupos divergentes entre si, são capazes de se organizar e estabelecem atitudes indisciplinadas coletivas, que vão desde a prática de um mesmo tipo de tratamento evasivo durante as aulas de determinado professor, passando por estratégias para intimidar uma professora a ponto de forçar que esta abandone a escola, até processos complexos de contestação da orientação pedagógica dos professores e da escola.

Não se pode afirmar, livre de um julgamento moral parcial, que este tipo de expressão seja em si mesmo “errado” e, neste sentido, represente indisciplina. Em cada caso é sempre necessário questionar qual o grau de participação da própria escola na geração de indisciplina, e não apenas assumir a posição simplista e autoritária que sugere, sem a devida fundamentação, que o problema sempre reside ou se origina na atitude dos estudantes (GUIMARÃES, 2006).

A escola por si só, ainda carece de um enriquecimento de instrumentos, seja no campo financeiro, recurso didáticos e tecnológicos, bem como, profissionais capacitados para lidar com as mais diferentes situações que lhe possa possibilitar ao menos uma iniciativa de enfrentamento aos problemas relacionados a indisciplina dos alunos.

Merece destaque o fato de que a escola ainda está mal aparelhada para lidar com casos isolados, com “alunos indisciplinados”, e está tendo de lidar com expressões coletivizadas de indisciplina.

De qualquer modo, tais indisciplinas devem ser vistas no contexto próprio dos anos 90, segundo suas singularidades, as quais requerem encaminhamentos diferenciados. Os métodos tradicionais, que podem ser caracterizados pela intenção comum de exercer controle comportamental sobre a conduta dos estudantes, embora estejam consagrados ou apenas tacitamente introjetados no cotidiano de muitas escolas, mostram-se inefetivos quando utilizados com alunos que, através do próprio currículo da escola, particularmente no ensino médio, estão aprendendo a pensar criticamente e a contestar (VASCONCELLOS, 2005).

Do ponto de vista legal, a escola deve ser capaz de formar cidadãos conscientes, críticos, reflexivos, capazes de inserir-se na sociedade fomentando idéias, estipulando pautas

e pensamentos, concepções e desejos, cuja finalidade é contribuir com o crescimento de uma nação, de um povo, de uma sociedade, e para isto, estes devem estar apoiados em uma formação sólida e construtiva.

Assim, de acordo com Guimarães (2006, p. 62)

Considerando a legislação federal vigente, deseja-se a formação de aluno crítico, capaz de refletir e intervir sobre a realidade social, e exercer ativamente sua cidadania. Assim, tendo em vista a própria legislação e as diretrizes educacionais vigentes neste País, a escola deve desenvolver competências nos alunos tendo em vista tais finalidades. Mas particularmente o exercício do pensamento crítico na forma de contestação, por exemplo, ao ser exercitado dentro da escola, resulta em situações de conflito quando os professores não gostam ou não estão preparados para lidar com alunos que recorrem a esta forma de expressão.

O fato é que este aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repressão, não se conforma a aulas que considera “enfadonhas”, “desatualizadas”, “teóricas”, ou a relações “autoritárias”, “desumanas” ou “frias”, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplina, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação.

Para que isso ocorra e seja possível, necessário se faz que os alunos rompam com as barreiras galgadas no senso e postulem suas decisões, seus comportamentos frente a estarem aptos e conscientes que precisam antemão resolver seus próprios conflitos sejam estes morais, sociais, culturais, dentro e fora da escola e na própria constituição de sua família, caso contrário o que obteremos é uma indisciplina no sentido de inabilidade para elaborar e participar das soluções para as questões sociais que perpassam a escola.

Outro aspecto a se destacar está no desenvolvimento da indisciplina no contínuo casa-escola, que se observa particularmente entre alunos da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental.

Existe um processo de realimentação, que acaba gerando uma espécie de “curto-circuito”, quando os estudantes vêm indisciplinados de casa e retornam da escola com determinadas condutas reforçadas. De fato, nestes dois ambientes a criança pode aprender indisciplina, bem como receber reforço daquela aprendizagem. Quanto à escola, esta pode, através das diversas relações cultivadas, reafirmar determinadas formas de indisciplina aprendidas em casa, bem como propiciar o espaço onde se aprendam formas de indisciplina que serão, por seu turno, reforçadas em casa.

O modo como algumas crianças aprendem a obter atenção e reconhecimento, por exemplo, representa uma situação muitas vezes comum de indisciplina no contínuo casa-

escola. Uma possibilidade, aqui, reside em aprender a obter atenção sobre si através de condutas intempestivas. Esta aprendizagem tende a ser mais efetiva à medida que pais e professores dediquem uma atenção diferenciada, mais intensa, a condutas indisciplinadas (WIELKIEWICZ, 1995, p.3-5). Assim, se em casa as crianças aprendem a receber atenção e reconhecimento através de condutas socialmente inadequadas, na escola continuam a praticar esse modo de conseguir o que desejam, mas que ao final não atende às suas reais necessidades psicológicas, seja de atenção, reconhecimento, e assim por diante.

Uma outra discussão refere-se à interação entre a indisciplina e outros aspectos do desenvolvimento psicossocial. Com os avanços teóricos derivados dos estudos recentes sobre aprendizagem e desenvolvimento humano, hoje sabemos mais sobre a natureza e causas da indisciplina. Alguns estudos mostram que sobretudo as estratégias para prevenir a indisciplina devem englobar as relações complementares entre a motivação dos estudantes e os seus processos de aprendizagem (STIPEK, 2008).

Também é interessante considerar o surgimento da indisciplina no contexto das relações emocionais e intersubjetivas entre professores e alunos (RATHVON, 2006). É conhecida a influência da expectativa dos professores sobre o desempenho dos estudantes (ROSENTHAL e JACOBSEON, 2008). Neste sentido, o ambiente escolar adequado, capaz de agir como um elemento preventivo, precisa ser fundamentalmente humano e caloroso – algo certamente difícil de praticar em uma sala de aula congestionada, onde conflitos interpessoais já se instalaram.

Apesar desse quadro de indisciplina escolar, encontramos hoje certa ausência de uma cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como falta de preparo adequado por parte dos professores para lidar com os distúrbios de sala de aula, apesar da clareza quanto a este espaço ser um contexto social onde a indisciplina facilmente se expressa, parte da qual a própria escola pode estar ensinando e reforçando.

O conhecimento atualizado sobre indisciplina, até mesmo para se fundamentar a formação pedagógica dos professores para confrontá-la, constitui uma prioridade. Isto engloba a necessidade de considerá-la sob uma perspectiva própria dos anos 90. Não basta pensar a indisciplina como se constituísse um fenômeno atemporal; devemos responder adequadamente à pergunta: o que é indisciplina hoje? E isso inclui compreender melhor suas causas.

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas. Esta

complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas.

Para fins de sistematização, as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina.

2.3 COMO MINIMIZAR OS PROBLEMAS RELACIONADOS À INDISCIPLINA ESCOLAR

Sabemos que atualmente o papel do professor dentro da escola é muito mais abrangente, pois ele precisa estar atento às capacidades cognitivas, físicas, afetivas, éticas e para preparação do educando para o exercício de uma cidadania ativa e pensante.

Será que sabemos ouvir nossos alunos? O diálogo envolve o respeito em saber ouvir e entender nossos alunos, mostrando a eles nossa preocupação com suas opiniões e com suas atitudes e o nosso interesse em poder dar a assistência necessária ao aperfeiçoamento do seu processo de aprendizagem.

É também compromisso do educador se preocupar com a disciplina e a responsabilidade de seus alunos. Para Piaget (1996), “o respeito constitui o sentimento fundamental que possibilita a aquisição das noções morais”. Conseguimos atingir a responsabilidade, desenvolvendo a cooperação, a solidariedade, o comprometimento com o grupo, criando contratos e regras claras e que precisarão ser cumpridas com justiça.

O professor passa a se preocupar com a motivação de seus alunos, tendo maior compromisso com seu projeto pedagógico e as questões afetivas, obtendo dessa forma uma relação verdadeira com seus educandos. Sob uma visão Piagetiana, o professor que na sala de aula dialoga com seu aluno, busca decisões conjuntas por meio da cooperação, para que haja um aprendizado através de contratos, que honra com sua palavra e promove relações de

reciprocidade, sendo respeitoso com seus alunos, obtendo dessa forma um melhor aproveitamento escolar.

Não podemos deixar de ter como foco em nosso trabalho o Ser Humano. Precisamos valorizar as pessoas. Uma frase de Walt Disney ilustra bem essa idéia: “Você pode sonhar, criar, desenhar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo... Mas é necessário ter pessoas para transformar seu sonho em realidade”. Estamos envolvidos com pessoas em nosso dia a dia: alunos, professores, pais, coordenadores, orientadores e diretores e, por isso, precisamos aprender a trabalhar em equipe para obter uma instituição forte, competente e coesa. A qualidade é obtida através do esforço de todos os seus integrantes, onde cada profissional é importante e cada aluno também. A escola é uma organização humana em que as pessoas somam esforços para um propósito educativo comum.

Em qualquer situação de ensino/aprendizagem, o professor como facilitador do desempenho dos alunos, que usa estratégias de associação de disciplina com o autodomínio dos professores e alunos em sala de aula, é o ideal. Para tanto, o professor deve deixar claro aos alunos que a disciplina é um trabalho de todos na sala de aula. As “regras” deverão ser estabelecidas por ambas as partes, levando em conta o consenso da maioria do grupo para que a cobrança possa ser efetuada também para ambas as partes, e tais regras devem estar sempre sujeitas à mudanças e adaptações. Constrói-se a melhor forma de acordo com a necessidade, assim, tanto o professor quanto o aluno terão direitos e obrigações uns com os outros.

Um indivíduo disciplinado não é aquele que se submete às regras sem questioná-las, mas aquele que organiza sua própria experiência e aprende de um jeito original e específico. A qualidade de uma instituição escolar depende em grande parte do modo pelo qual ela enfoca o processo de condução das atividades que se desenvolvem nas classes, pois, ali não é somente o lugar onde se realiza o processo de ensino-aprendizagem, como também, o lugar que traz sempre o momento oportuno para se desenvolver e promover os valores humanos nos alunos. Essa qualidade depende, sobretudo, também da capacidade dos professores estimularem o esforço dos alunos (ESTRELA, 2009)

Dependendo da maneira com que a escola conceitua disciplina, as respostas às formulações acima irão variar muito, o que nos indica claramente porque um aluno é considerado indisciplinado em uma escola e quando frequenta outra, isso pode não acontecer, confundindo os pais, muitas vezes, a respeito do conhecimento que acham que possuem sobre seus filhos.

Consideramos que uma escola preocupada com a formação dos seus alunos e não somente em "ensiná-los" é aquela que considera a disciplina como o domínio de si mesmo

para ajustar a conduta às exigências do trabalho e de convivências próprias da vida escolar, não como um sistema de castigos ou sanções que são aplicadas a alunos que alteram o desenvolvimento normal das atividades escolares com uma conduta negativa.

A disciplina é um hábito interno que facilita a cada pessoa o cumprimento de suas obrigações, é um autodomínio, é a capacidade de utilizar a liberdade pessoal, isto é, a possibilidade de atuar livremente superando os condicionamentos internos ou externos que se apresentam na vida cotidiana. O bom clima de uma escola não se improvisa, é uma questão de coerência, de tempo e constância. São imprescindíveis, portanto, algumas normas que sirvam de ponto de referência e ajudem a conseguir um ambiente sereno de trabalho, ordem e colaboração; um referencial geralmente aceito, que determina o limite que a liberdade dos outros impõe à nossa própria liberdade. Para que estas normas sejam eficazes, é necessário que sejam poucas e coerentes com o processo educativo; que estejam formuladas e justificadas com clareza e sensatez; que sejam conhecidas e aceitas por todos: pais, professores e alunos e que seu cumprimento seja exigido (VASCONCELOS, 2005)

É lógico que as normas por si mesmas não são suficientes. Não se consegue a disciplina mediante a aplicação exaustiva das sanções estabelecidas. A convivência harmônica entre toda a comunidade escolar é consequência de um processo de formação pessoal que torna possível a descoberta da necessidade e valor destas normas elementares de convivência; que ajudam a fazê-las próprias porque se converteram em hábitos de autodomínio que se manifestam em todos os ambientes onde se desenvolve a vida pessoal.

Em uma sala de aula não existem problemas de disciplina, há alguns alunos com problemas, e cuja formação é preciso atender de uma maneira particular. Para um real processo educativo a solução não é excluir os que atrapalham e sim atender a cada um segundo suas necessidades pessoais.

Como se trata de pessoas em formação, é preciso estabelecer um sistema de estímulos que favoreçam o desenvolvimento das responsabilidades dos alunos, muito mais que punir, o que vem a exigir uma atuação continuada dos professores: os alunos não mudam de um dia para o outro. Em educação é absolutamente necessário contar com o tempo, pois o importante é a formação, como adverte Estrela (2009, p. 97) que:

Se a indisciplina produz efeitos negativos em relação à socialização e aproveitamento escolar dos alunos, ela produz igualmente efeitos negativos em relação aos docentes. Embora menos evidente e imediato, esses efeitos não são menos nocivos, pelo que a indisciplina constitui hoje, juntamente com o insucesso escolar, o problema mais grave que a escola hoje enfrenta em todos os países industrializados.

A primeira e mais fundamental norma para o professor é tratar seus alunos com estima e respeito. Para estar em condições de educar, o professor precisa estabelecer relações cordiais e afetuosas com seus alunos; criar um ambiente estimulante de compreensão e colaboração, usando de atitudes amistosas e pacientes com todos os alunos sem distinção.

Neste ambiente de cordialidade que deve envolver as relações professor-aluno, não há espaço para palavras ou mesmos gestos que signifiquem menosprezo; nem que se ridicularize um aluno perante seus companheiros, ou a impaciência com seu erro; nem para ameaças ou concessão de privilégios; ou para a ação que não aceita que os alunos tenham direitos a justificativas, ou ainda, a utilização de sanções para estimular aprendizagens. Um dos fatores que mais estimulam a indisciplina, ou a falta de consideração dos alunos a um professor é a falta de coerência entre o que o professor diz e o que ele faz, entre os valores que ele tenta transmitir aos alunos e os que ele mesmo vive (FURLANI, 2008).

Nunca se sabe ao certo quando o aluno vai tomar uma atitude que venha a preocupar o comportamento normal do ambiente escolar, principalmente, quanto este comportamento envolve momentos de extrema violência, abusos morais e afetivos, pois atitudes como grosserias e xingamentos são rotineiros entre alunos, e isso são fatores que aumentam de maneira desenfreada as ações de indisciplinas ocorridas em várias escolas de nosso país – mas não só do nosso país, mas de muitos outros, principalmente em países desenvolvidos como ocorrem com quase freqüência nos EUA.

Diante deste quadro, restam ações que visem uma manobra estratégica no combate a esses comportamentos desnorteadores de um bom rendimento escolar, de falta de respeito e embate sócio-afetivo por parte do alunado. Para isso, resta aos educadores promoverem estudos aprofundados para adquirir métodos que venham a propiciar um relacionamento mais humanizado entre seus alunados. E isto só será possível se os educadores forem qualificados, contarem com a ajuda de profissionais que possam lhes possibilitar a compreensão dos comportamentos individuais de cada aluno e a partir daí desenvolver ações que venham a acabar com a indisciplina em sala de aula e no contexto escolar como um todo.

Os valores e atitudes cultivados numa sala de aula precisam ser incorporados por toda a equipe de profissionais; a incoerência entre a vivência desses valores pelos professores, pode transmitir aos alunos uma visão distorcida dos valores que a instituição cultiva. Sabemos também que existem comportamentos que pela gravidade e transtornos que provocam nos demais, podem prejudicar o andamento normal da classe e o bom ambiente entre os alunos. Nessas ocasiões em que se põe a prova a qualidade humana e profissional, ofício do professor, importa e muito agir com acerto (VASCONCELLOS, 2005).

Manter a disciplinaridade no ambiente escolar não é uma tarefa fácil de se promover, haja vista, os educadores e demais profissionais da educação não possuem de maneira coercitiva uma vivência psicopedagoga de como lidar com situações adversas no comportamento dos seres humanos. Sabe-se que cada cabeça é um mundo, por isso, é bastante complexo que o educador venha a conhecer os hábitos e os comportamentos de seus alunos, pois seria necessário uma maior convivência com estes. No entanto, é através de contatos com familiares, amigos, comunidades que se pode dar os primeiros passos em busca dessa aproximação com o comportamento de seus alunos e deste momento em diante, traçar metas de observações e de ações para lidar com tais comportamentos.

A manutenção da disciplina constitui, na verdade, uma preocupação de todas as épocas, como já testemunhavam alguns textos de Platão - “Protágoras” ou as “Leis”. E nas confissões de Santo Agostinho, constatamos que sua vida de professor era amargurada pela indisciplina dos jovens, que perturbavam a “ordem instituída para seu próprio bem” (ESTRELA, 2009, p. 11).

Ao construir junto com os alunos as normas de comportamento, ou ao lidar com os conflitos e transgressões, em primeiro lugar, pode-se transformar essas vivências em aprendizagens, através do processo de elaboração, pois como afirma Freire (1996, p. 73):

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

A disciplina deve formar o aluno como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige. Essa depende da democratização da sociedade na medida em que esta assumir uma nova ética social, valorizar e adotar uma nova política para a educação. Conclui-se que os educadores devem se comprometer com o processo de transformação da realidade, alimentando um projeto comum de escola e de sociedade, como numa orquestra, pois segundo Freire (apud VASCONCELOS, 2005, p.79) “ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediados pela realidade”.

O comportamento das crianças na escola têm incomodado pais, especialistas da educação e principalmente professores, que não conseguem lidar de maneira eficiente com a questão da indisciplina dos alunos. Observações que já foram realizadas em salas de aula demonstraram que, muitas vezes o professor impõe regras de comportamento que não fazem sentido para as crianças, que obedecem pelo medo do castigo e não por considerá-las justas.

Autores como Zagury (2009), Vinha (2009) e Ferronato (2010) acreditam ser a falta de limites às crianças, o principal fator responsável pelo aumento da indisciplina na escola. A criança precisa em seu meio familiar deve ser condicionada a limites e imposições, pois se isso não ocorre ela passa a desenvolver um comportamento brusco, onde tudo é possível. Muitos pais não se importa com o que a criança faz, as vezes fazem é gargalhar quando a criança realiza uma travessura, como morder alguém, cuspir, beliscar outra criança ou dar-lhe um puchavanco de cabelos. Este tipo de comportamento só está levando a criança para um processo sem limites e que mais tarde se refletirá na sua aprendizagem, ou seja, ela levará tais comportamento para a escola.

Outro aspecto levantado para a ocorrência da indisciplina em sala de aula está relacionado à forma como o professor organiza suas aulas (RAINHO, 2010). Se as aulas são desinteressantes, os alunos não se ocupam no que está sendo desenvolvido e “atrapalham” a aula do professor.

Observa-se também que a construção dos valores morais nas crianças aparece em muitas das discussões sobre o tema. Vinha (2009) faz um reflexão sobre essa questão, mostrando que o comportamento das crianças depende de sua personalidade e de seus valores morais que são formados desde que passam a relacionar-se com outras pessoas.

A mesma necessidade que o adulto tem de impor regras, as crianças têm de transgredi-las; por isso, é preciso questionar sobre o que se considera professor ou aluno ideais e se esta consideração não foge da realidade em que se vive (BOTELHO, 2006).

Outra consideração importante a fazer sobre o problema da indisciplina compreende a má interpretação por parte dos adultos sobre o seu papel como educador. Muitas pessoas confundem autoridade com autoritarismo.

Ao caracterizar historicamente a constituição da escola enquanto sistema de ensino notamos que o estabelecimento de regras de comportamento ideais e a preocupação com a moralidade infantil, estão presentes desde tempos remotos, principalmente a partir de meados do século XIX (MANACORDA, 2009).

As discussões em torno do comportamento dos alunos persistem, e hoje tornam-se mais acirradas. Por isso, procuramos sistematizar qual é a definição do termo “disciplina”. “Disciplina” é um conjunto de regras que regem uma organização, ou uma atividade; e ainda, disciplina é a submissão a essas regras e, trata-se de uma qualidade de quem se submete a leis e ordens (XIMENES, 2010, p. 328). Ao termo indisciplina é atribuído o sentido de falta de disciplina ou ainda, ação ou dito que revela desobediência

Diante de tais conceitos porém, não podemos deixar de questionar sobre sentidos implícitos que os configuram na escola: Quais são as regras ou normas (explícitas e implícitas) que regulam o cotidiano da sala de aula? De que forma professores e alunos participam da produção e se apropriam dessas regras? Qual é a relação dessas normas com o trabalho do professor, com as atividades dos alunos e com a produção do conhecimento? Por que obedecer é tão importante na escola? Essas são questões que nos fazem refletir sobre o teor, a forma e o contexto em que normas, leis e regras são produzidas e disseminadas na sociedade como um todo, principalmente no cotidiano da escola e na relação professor-aluno.

A estruturação de normas disciplinares provém de um aspecto importante, que está presente principalmente no Estado, mas também em qualquer instituição social, nas escolas, nas igrejas, nos hospitais, entre outras (Foucault, 1984). As disciplinas ou o processo de disciplinarização envolvem o poder de controlar e administrar indivíduos. Esse poder discutido por Foucault (1984), possui características muito marcantes, não no sentido de repressão, mas no sentido de gerenciar a vida dos homens, controlando suas ações, aproveitando suas potencialidades, levando-os a considerar tudo que lhes é imposto pelas instituições sociais como algo importante e natural para as suas vidas, de tal forma que o indivíduo incorpora todos os valores e crenças existentes como se fossem próprios, tornando-se assim um ser docilizado e conformado.

Dessa forma o principal objetivo de nossa pesquisa consiste em compreender como se manifesta a indisciplina/disciplina na relação professor-aluno, ou seja, como os educadores estão formando seus alunos no tocante ao comportamento, analisando qual é o papel que adultos e crianças, bem como a interação entre esses sujeitos, desempenham no complexo e dinâmico espaço tempo da sala de aula.

Assim sendo, torna-se necessário conhecer: o que professores dizem a respeito do comportamento e desempenho das crianças na sala de aula e na escola? Para professores e alunos o que é indisciplina? Como os professores trabalham questões de comportamento em sala de aula? Há relação entre aprendizado do aluno, ensino do professor com comportamentos de ambos na sala de aula?

A indisciplina tem sido vista por muitos professores como um problema restrito aos alunos, nessa discussão tem sido deixado de lado componentes culturais, ideológicos e políticos que se fazem presentes no cotidiano escolar na nossa própria sociedade disciplinar e que afetam o processo de constituição dos alunos.

CAPÍTULO 3 – TECENDO OLHARES SOBRE A ARTE VISUAL NUMA PERSPECTIVA MOTIVADORA E DISCIPLINAR

Desde 1996 a LDB diz que “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Lei Nº 9394/96, Art. 26 § 2º). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1998, deixam bem claro que Arte é disciplina e, portanto, tem conteúdo específico a ser trabalhado, nas quatro “grandes áreas”: Visuais, Teatro, Dança e Música (BARBOSA, 2009).

A concepção de arte no espaço implica numa expansão do conceito de cultura, ou seja, toda e qualquer produção e as maneiras de conceber e organizar a vida social são levadas em consideração. Cada grupo inserido nestes processos configura-se pelos seus valores e sentidos, e são atores na construção e transmissão dos mesmos. A cultura está em permanente transformação, ampliando-se e possibilitando ações que valorizam a produção e a transmissão do conhecimento. Cabe então negar a divisão entre teoria e prática, entre razão e percepção, ou seja, toda fragmentação ou compartimentalização da vivência e do conhecimento (IAVELBERG, 2011).

Este processo pedagógico busca a dinâmica entre o sentir, o pensar e o agir. Promove a interação entre saber e prática relacionados à história, às sociedades e às culturas, possibilitando uma relação ensino/aprendizagem de forma efetiva, a partir de experiências vividas, múltiplas e diversas. Considera-se também nesta proposta a vertente lúdica como processo e resultado, como conteúdo e forma. É necessário que se pense o lúdico na sua essencialidade.

O papel da arte na educação é prejudicado devido o modo como a sociedade vê a arte. Daí a necessidade de um entendimento do verdadeiro significado da arte por parte dos professores, que o transmitirá informalmente aos alunos, dará a eles uma razão de fazer arte e não fazer apenas por que têm que fazer.

Duarte Júnior (2011), em sua obra Por que Arte-Educação comenta sobre a atual sociedade, que em geral acredita apenas nos fatos cientificamente comprovados, rejeitando outras formas de conhecimento, valorizando apenas a racionalidade, o saber objetivo, tomando o mesmo como valor básico da moderna sociedade. Portanto, é natural que as escolas eduquem no sentido do conhecimento objetivo. Espera-se, que habilitem o homem a conhecer racionalmente o mundo e nele se desenvolver produtivamente, visando a atingir os interesses da classe dominante.

O ambiente escolar não só mantém como estimula a separação da razão da emoção. Acredita-se que seja por esse motivo que a sociedade rejeita a arte como um fator importante dentro da educação.

Por que não se educar as novas gerações evitando-se os erros que viemos cometendo? Por que não entender a educação, ela mesma, como algo lúdico e estético? Por que não ao invés de fundá-la na transmissão de conhecimentos apenas racionais, não fundá-la na Criação de sentidos considerando-se a situação existencial concreta do educando? Por que não uma arte-educação? (DUARTE JÚNIOR, 2011, p. 65).

Quando Duarte Júnior propõe uma educação por meio da arte, refere-se a desenvolver uma educação onde o educando passa a ter uma oportunidade de elaborar sua própria visão de mundo, com base em suas próprias experiências e sentimentos. Dentro da sociedade racionalista o educando não tem espaço para criar, encontra-se diante das respostas ali já prontas, apenas reproduz aquilo que já existe.

Segundo Barbosa (2009), o papel da arte na educação é muitas vezes afetado pela maneira como o professor e o aluno veem o papel da arte. O professor tem que ter conhecimento da mesma para que assim possa passar aos alunos com toda segurança o verdadeiro significado da arte como parte integrante da educação. Um dos papéis da arte é preparar para os novos modos de percepção introduzidos pela tecnologia. Muitos professores estão no momento do fazer artístico, trabalhando releitura como cópia, diante desse fato vem-se a pergunta: como pode ser desenvolvida uma boa educação? A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação e sem criação e já na releitura há transformação, interpretação com base em um referencial.

Percebe-se que a arte deve ser considerada uma maneira de despertar no indivíduo seu processo de sentir, que passe a dar maior atenção a seus próprios sentimentos. Através da arte pode-se, então, despertar a atenção de cada um para sua maneira particular de sentir, pensar, criar, portanto aprender arte e sobre a arte é direito de toda criança, pois o homem como ser pensante, necessita criar outras verdades, outros mundos. Segundo Kramer e Leite (2008, p. 53)

A arte pode contribuir imensamente para o desenvolvimento da criança, pois é na interação com seu meio que se inicia a aprendizagem. A arte tem início quando os sentidos da criança estabelecem o primeiro contato com o ambiente, e ela reage a essas experiências sensoriais. Tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar, enfim, qualquer método de perceber o meio e reagir contra ele é, de fato, a base essencial para a produção de formas artísticas.

Por meio da arte a criança será capaz de desenvolver sua percepção e imaginação; desenvolver sua capacidade crítica, além de contribuir para que ocorra o estímulo, criando mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. A arte leva a conhecer aquilo que muitas vezes não se tem oportunidade de experimentar na vida, experiências essas que podem ser vividas no cinema, teatro e outros. São situações que envolvem sentimentos e que não são acessíveis no dia-a-dia. Conclui-se, que a arte facilita o acesso dos sentimentos a experiências distantes do cotidiano, levando às bases para que se possa compreendê-las.

A educação é uma das ações que definem nossa humanidade: o ser humano transcende seu status animal pois vai além dos instintos: compreende, reelabora, reflete, cria e recria, critica, aprende, ensina. A busca do homem através da história é sempre uma busca de compreender e transformar a realidade (LEITE, 2008).

Já foi dito que uma característica distintiva do ser humano é a necessidade do supérfluo. O que ultrapassa os limites das necessidades básicas essenciais à sobrevivência e coloca-se no campo da atribuição de sentido é o que nos torna humanos. A admiração diante de um por do sol, a necessidade de deixar uma marca que dure além do efêmero tempo de nossa existência, o incômodo diante da desorganização e a valorização de uma certa ordem individual, o espanto diante do inusitado, a apreciação da beleza, a reflexão sobre o que é diferente e nos provoca... todos os seres humanos vivenciam essas situações ao longo de suas vidas, pois são constituídos de dimensões físicas, cognitivas, emocionais, sociais, éticas e estéticas (NICOLAU, 2010).

Essa característica pluridimensional do ser humano por si só já seria válida para justificar a importância da arte na educação, já que sua ausência não favoreceria um desenvolvimento integral da pessoa, um dos principais objetivos da educação. Mas além desse fator há outros que valem a pena serem lembrados. Kramer e Leite (2008, p. 109) apontam que

A arte é cultura. É fruto de sujeitos que expressam sua visão de mundo, visão esta que está atrelada a concepções, princípios, espaços, tempos, vivências. O contato com a arte de diversos períodos históricos e de outros lugares e regiões amplia a visão de mundo, enriquece o repertório estético, favorece a criação de vínculos com realidades diversas e assim propicia uma cultura de tolerância, de valorização da diversidade, de respeito mútuo, podendo contribuir para uma cultura de paz. O conhecimento da arte produzida em sua própria cultura permite ao sujeito conhecer-se a si mesmo, percebendo-se como ser histórico que mantém conexões com o passado, que é capaz de intervir modificando o futuro, que toma consciência de suas concepções e idéias, podendo escolher criticamente seus princípios, superar preconceitos e agir socialmente para transformar a sociedade da qual faz parte.

Além das já referidas justificativas ontológicas e culturais para a importância da arte na educação, cabe falar da dimensão simbólica da arte, de seu poder expressivo de representar idéias através de linguagens particulares, como a literatura, a dança, a música, o teatro, a arquitetura, a fotografia, o desenho, a pintura, entre outras formas expressivas que a arte assume em nosso dia-a-dia.

Essas formas são linguagens criadas pela humanidade para expressar a realidade percebida, sentida ou imaginada, e como linguagens que são, têm suas próprias estruturas simbólicas que envolvem elementos tais como espaço, forma, luz e sombra em artes visuais, timbre, ritmo, altura e intensidade em música, entre outros elementos inerentes a outras linguagens da arte. Ora, o conhecimento dessas estruturas simbólicas não é evidente aos alunos, nem se constrói espontaneamente através da livre expressão, mas precisam ser ensinados. O ensino das linguagens da arte cabe também à escola, embora não apenas a ela (DERDYK, 2006).

Um outro argumento em defesa da arte na educação passa pela sua importância ao desenvolvimento cognitivo dos aprendizes, pois o conhecimento em arte amplia as possibilidades de compreensão do mundo e colabora para um melhor entendimento dos conteúdos relacionados a outras áreas do conhecimento, tais como matemática, línguas, história e geografia.

Um exemplo mais evidente é a melhor compreensão da história, de seus determinantes e desdobramentos através do conhecimento da história da arte e das idéias sobre as quais os movimentos artísticos se desenvolveram. Não existe dicotomia entre arte e ciência, entre pensar e sentir, entre criar e sistematizar, e a fragmentação do conhecimento é uma falácia que tem estado presente na educação, devendo ser superada, pois o ser humano é íntegro e total. Diante de tal importância que a arte assume na educação, pode-se fazer uma revisão crítica do que a escola tem alcançado em termos de ensino da arte.

Temos conseguido valorizar nos alunos sua expressividade e potencial criativo? Temos sabido perceber, compreender e avaliar suas idéias sobre as linguagens artísticas? Temos desenvolvido nosso próprio percurso em artes de tal modo que conheçamos os conteúdos, os objetivos e os métodos para ensinar cada uma das linguagens artísticas? Temos tido suficiente bagagem teórico-conceitual para identificar o momento que cada educando vivencia em sua construção de conhecimento sobre a arte e fazer intervenções que lhe permitam avançar? Temos sabido incentivar a formação cultural de nossos educandos e ajudá-los a perceberem-se como sujeitos de cultura?

Creio que estamos vivenciando um momento histórico de grande importância na educação como um todo e na arte-educação especificamente: o desafio de superar concepções tecnicistas e utilitaristas, mas também de ir além do “deixar fazer” e da livre expressão apenas, para reconhecer que a arte tem características próprias que devem ser melhor conhecidas pelos educadores, que tem objetivos próprios e seus próprios métodos. Será que nós tivemos, em nossa educação, acesso à arte? E que acesso foi esse? Estamos reconstruindo o ensino da arte, não com base no que aprendemos na escola, mas no conhecimento que estamos a construir agora.

Nós, como educadores, precisamos aprender mais para ensinar melhor. Cada um de nós deverá ser um construtor de conhecimentos e um semeador de idéias e práticas que, esperamos, darão frutos no futuro.

Na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a importância da educação em arte no Ensino Fundamental, é que ela propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

A história da educação e arte acontece desde o início da história da humanidade. A arte sempre esteve presente em praticamente todas as informações culturais.. o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizam o século XX em várias partes do mundo.

As escolas brasileira têm manifestado a influência das tendências ocorridas ao longo da história do ensino de Arte em outras partes do mundo. A história do ensino da arte no Brasil, pode-se observar a integração de diferentes orientações quando às suas finalidades, a formação e atuação dos professores, mas, principalmente, quanto às políticas educacionais e os enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos. O ensino da Arte é identificado pela visão humanista e filosófica que demarcou as tendências tradicionalistas e escolanovista. Embora ambas se contraponham em proposições, métodos e entendimento dos papéis do professor e do aluno. No século XX, as disciplinas desenho, trabalho manuais, músicas e cantos orfeônicos fazem parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes.

O ensino da Arte volta-se para o desenvolvimento da criança, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo.

As aulas de desenho e arte plásticas assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorização e o crescimento ativo e progressivo do aluno. Os professores da época estudam as novas teorias sobre o ensino de arte divulgadas do Brasil e no exterior, as quais favorecem o rompimento com a rigidez estética, marcadamente reprodutivista da escola tradicional.

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultados na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Convictos da importância de acesso escolar dos alunos de ensino básico também à área de Arte, houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a obrigatoriedade da área.

Com a Lei nº 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino de arte constituirá componentes curriculares obrigatórios, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, § 2º).

A relação entre arte e o conhecimento científico, técnico ou filosófico está no seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante.

As características que delineiam o conhecimento artístico como produção e fruição são as obras de arte, situa-se no ponto de encontro entre o particular e o universal da experiência humana. A obra de arte revela para o artista e para o expectador uma possibilidade de existência e comunicação, além da realidade de fatos e relações habitualmente conhecidos. O que distingue essencialmente a criação artística das outras modalidades de conhecimento humano é a qualidade de comunicação entre os seres humanos que a obra de arte propicia, por uma utilização particular das formas de linguagem.

A forma artística fala por si mesma, independe e vai além das intenções do artista. A percepção estética é a chave de comunicação artística. A personalidade do artista é ingrediente que se transforma em gesto criador, fazendo parte da substância mesmo da obra.

A imaginação criadora transforma a existência humana através da pergunta que dá sentido à aventura de conhecer, já pensou se fosse possível?

O conhecimento artístico como reflexão caracteriza-se por tratar-se de experiência estética direta da obra de arte, quando pela necessidade de investigar o campo artístico como atividade humana, delimitando o fenômeno artístico como produto das culturas, como parte da história e como estrutura formal na qual podem identificar os elementos que compõem os trabalhos artísticos e os princípios que regem sua combinação. Sendo função da escola instrumentar os alunos na compreensão que podem ter dessas questões, em cada nível de desenvolvimento, para, que sua produção artística ganhe sentido e possa se enriquecer também para reflexão como objeto de conhecimento.

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aqueles que fazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem. Deve ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, com os modos de aprendizagem do aluno, significa, então, não isolar a escola da informação sobre produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupos com base em intenções próprias, e tudo isso integra aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística.

O papel do professor na construção do conhecimento artístico é saber escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz. Em outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão mais conhecimento ao aluno e será mais eficaz como portadores de informação e sentido.

É o papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida nos câmbios regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente também aquelas produzidos pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno.

É importante que o ensino de arte aconteça no ensino fundamental porque configura um momento escolar especial na vida dos alunos, porque é nesse momento de seu desenvolvimento que eles tendem a se aproximar mais das questões do universo do adulto e tentam compreendê-las dentro de suas possibilidades, ficam curiosos sobre temas como a dinâmica das relações sociais, as relações de trabalho como e por quem as coisas são produzidas. No que se refere à arte, o aluno pode tornar-se consciente da existência de uma produção social concreta.

Observar que essa produção tem história, o aluno pode observar ainda os trabalhos artísticos, envolvem a aquisição de códigos e habilidades que passa a querer dominar para encorpar em seus trabalhos, tal desejo de domínio está correlacionado a nova percepção de que pode assinalar para se formas condições artísticas elaboradas por pessoas ou grupos sociais ao trilhar um caminho de trabalho artístico pessoal. Sendo assim, é no final desse período que o aluno, desenvolvendo práticas de representação mediante um processo de dedicação contínua, dominará códigos construídos socialmente em arte, sem perder seu modo de articular tais informações ou sua originalidade.

3.1 ARTE-EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

Alguns autores verificaram a importância da arte no desenvolvimento cognitivo como Rudolf Arnheim que tinha como concepção a equivalência configuracional entre percepção e cognição, isto é, perceber é conhecer (BARBOSA, 2005).

O objeto artístico revela conceitos culturais, tais conceitos referem-se a atitudes, costumes, crenças filosóficas e religiosas. É na arte que estes conceitos ganham formas concretas, possibilitando ao observador se situar em relação ao passado, presente e futuro, proporcionado ao indivíduo a interpretação e a criação de símbolos que traduzem emoções e sentidos. Segundo Barbosa, (2005) quando as imagens artísticas são descobertas por outros e assim gradualmente propagadas através de amplos círculos de apreciação, elas alcançam a aceitação geral e passam a ser agentes de identificação de grupo.

A arte como forma de representação cultural, apresenta uma combinação de significados ligados a signos construídos por um povo a fim de facilitar a comunicação entre as pessoas. Mesmo os grupos caracterizados como “minorias” também trazem culturas, com isso arte, desenvolvendo esta arte em sua comunidade. É importante que todos reconheçam a multiculturalidade existente em uma sociedade para que assim todos se sintam incluídos e que percebam construtores da cultura em que estão inseridos.

A educação através da arte possibilita efetuar uma “re-construção” do que entendemos sobre a nossa cultura podendo extrair princípios de significação socioeconômica e cultural. A inclusão sócio cultural encontra na arte, e mais ainda, na arte/educação um meio facilitador, pois, o estudante percebe que sua experiência é de grande importância, com inúmeros significados os quais dão sentido ao mundo e que podem ser expressados no objeto artístico. O indivíduo tem a possibilidade de relacionar as suas histórias pessoais, as suas vivências aos

aspectos culturais, as crenças existentes e aos diferentes pontos de vista. Estas relações ajudam a construir o conhecimento.

Como lembra Hernández (2000) a aprendizagem no campo artístico utiliza estratégias intelectuais como a análise, a interferência, o A aprendizagem da arte no âmbito educacional consiste no processo pedagógico onde os alunos constroem saberes culturais e estéticos, mediante reflexões, contextualização, produções e apreciações artísticas os quais possibilitam, a cada indivíduo, interagir com a sociedade na qual está inserido e assim formar-se e desempenhar-se como cidadão. Mediante o fazer, os processos reflexivos e os conceitos artísticos, percebe-se o quanto o homem é capaz de criar novas soluções para atender tanto suas necessidades, quanto seus prazeres.

A arte possibilita a reflexão sobre a história e a cultura no contexto social humano. Em muitos trabalhos artísticos, são expressas questões humanas como, problemas sociais e políticos, relações humanas, sonhos, medos, perguntas e inquietações, fatos históricos e manifestações culturais.

De acordo com Martins (2008, p. 10) “O que mais caracteriza a unidade de um país, senão sua música, seu teatro, suas formas e cores, sua dança, folclore, poesia? Nessas manifestações, sempre fruto de um amálgama cultural, é que estão mais fortemente gravados os sentimentos e pensamentos de um povo”.

A arte é um meio de expressão simbólica e de conhecimento. Quando alguém se manifesta artisticamente, está se comunicando com o mundo, deixando no seu fazer artístico sua identidade, suas características. É um fazer subjetivo, trabalha o sensível e o imaginário, o qual se torna um registro fiel das manifestações humanas, conseqüentemente da história do mundo.

Segundo Zanella “A questão do olhar vem se constituindo como um dos principais temas de reflexão na contemporaneidade”. (2004,p.52).

A arte na escola tem como tarefa principal ampliar o leque desse olhar partindo da cultura local para os aspectos mais amplos da arte e da sociedade e vice-versa. Considerando que a cultura contém todas as produções, trabalhos, expressões, e relações sociais de um grupo social, é na arte que ela melhor se desenvolve. Ao se expressar artisticamente, o indivíduo busca em seu repertório, adquirido com sua vivência no contato com diversas culturas, um significado para si, comunicando esta síntese de saberes para outros indivíduos. Contribuindo assim, para a cultura de sua época. O homem gera cultura e se constitui homem na cultura.

3.2 ARTES VISUAIS NA SALA DE AULA E SUAS PERSPECTIVAS FRENTE A INDISCIPLINA

As artes visuais é uma disciplina curricular tão importante quanto às demais e não podem ser vistas apenas como um passa tempo em nossas Escolas de Educação Infantil. Para isso é necessário que nossos educadores sejam capacitados e preparados para desenvolverem nos alunos o conhecimento de mundo através das Artes Visuais.

As escolas infantis devem manipular com as crianças diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio para entrar em contato com formas diversas de expressão artística.

A criança sofre influencia da arte desde cedo. Sejam através de imagens e atos de produções artísticas que observam na TV, computador, gibis, rótulos, estampas, obras de arte, vídeo, trabalhos artísticos de outras crianças, etc. Dessa forma, a criança chega à escola com um grande histórico e repertório sobre a arte. Os educadores, como mediadores irão abranger esse conhecimento por meio de novas experiências.

A arte revela em cada pessoa humana o cognitivo e a afetividade, pois através dela se transmite o que sentimos o que pensamos, como estamos e como anda nosso relacionamento com as pessoas ao nosso redor e com toda a sociedade.

Através da utilização de formas, ritmos, linguagens e diversos elementos, a arte se torna um veículo da expressão do pensar, do sentir. Todo desenho, rabisco e obra artística elaborado pela criança têm sua importância devido à significação e a importância que ela dá. “Quando a criança desenha ou canta, por exemplo, ela representa algo que lhe chamou a atenção ou canta uma música de que gosta cujo texto lhe diz algo ou significa alguma coisa importante para ela” (PROSSER, 2003, p. 2).

Nas expressões artísticas de cada criança são externizados os sentimentos, as emoções, as expectativas e os anseios ao mesmo tempo em que se estabelecem novas reflexões com a realidade em que se está vivenciando. Essa interação com o meio e ao mesmo tempo com o outro ocasiona experiências significativas no desenvolvimento afetivo, cognitivo, psíquico e de socialização na vida de nossos educandos. As artes visuais conduzem os alunos a conhecerem suas limitações, dificuldades e possibilidades de desenvolver, explorar e conhecer suas potencialidades, capacidades e habilidades, colaborando assim, no crescimento nos diferentes campos do saber. O ensino da arte e o aprendizado por meio da arte nas escolas de ensino regular contribuem, portanto, para que a escola “proporcione condições para que

seus alunos se tornem sujeitos do seu conhecer, na interação com seu meio ambiente, para agir e transformar continuamente sua realidade, pela sua inteligência” (PROSSER, 2003, p. 10).

Artes na educação infantil valorizam e desenvolve a realização pessoal, satisfação de si mesmo e dos outros, o prazer, o equilíbrio, a alegria, a paz, a compreensão, a confiança, a reciprocidade, a identificação com o outro e comunhão com o semelhante e com o universo. Contribui para a formação integral do ser humano, diminuindo assim, a violência e a tudo o que destrói o homem cidadão.

A arte é um grande agente transformador, que leva o ser humano a ser construtor de um mundo melhor, mais humano, civilizado, valorizando a tudo aquilo que é bom e eficaz para a vida.

3.2.1 A arte visual e a formação da personalidade do educando

A arte é importante na vida da criança, pois colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos. Os seres humanos são dotados de criatividade e possuem a capacidade de aprender e de ensinar. A criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida, e é por meio do trabalho realizado com a arte nas escolas que isso será possível, pois, nas palavras de Buoro (2000, p. 39) “Arte se ensina, Arte se aprende”. Porém, é preciso que as escolas possam incentivar o ensino da arte, dando-lhe maior querência e credibilidade, devendo atuar dentro do processo de construção e formação da personalidade da criança.

A arte é vista e sentida de maneiras diferentes por crianças e adultos. Para o adulto está associada ao belo, às exposições, a museus, à estética. Já para a criança, a arte é uma forma de se expressar, pois “a natureza da criança é lidar com o mundo de modo lúdico, fazer o que lhe dá prazer e satisfação. Por isso gosta tanto de brincar e desenhar” (SANS, 2005, p. 21).

A criança faz o que lhe dá prazer e alegria, brincar e desenhar envolve-a por completo e, sempre que age, valoriza os seus desejos e as suas vontades. Geralmente, a criança começa a desenhar por volta dos dois anos. Nesse período está aberta a experiências, não tem medo de se arriscar, pois o seu corpo é ação e pensamento: ela pode tocar, cheirar, pensar e experimentar com o corpo. Seu pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento. Convive, sente, reconhece e repete os símbolos do seu entorno, mas

não é, ainda, um criador intencional de símbolos. Sua criação focaliza a própria ação, o exercício, a repetição (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2008, p. 96).

É nesse período que a criança inicia suas garatujas, ou seja, quando manifesta de forma gráfica, sonora ou corporal o que está sentindo, o que conseguiu “pesquisar” no ambiente. É importante ressaltar que as garatujas não são apenas gráficas, pois os pequenos também podem explorar materiais sonoros e o próprio corpo para se expressarem, como quando fazem movimentos com a boca e produzem sons ou quando montam e desmontam pilhas de caixas por prazer. Em todas essas situações estão pesquisando o que existe ao seu redor e o que podem fazer. A criança valoriza mais o material que está utilizando, o processo, do que o resultado final. Ao se expressar de forma gráfica faz vários rabiscos, livremente, faz traços horizontais, verticais e inclinados até perceber que pode utilizar a linha curva para construir círculos de tamanhos diferentes. Por mais que para os adultos esses rabiscos não possuam significado algum, devem ser estimulados. A criança deve ser encorajada a garatujar, pois esses traços são o início de sua expressão gráfica e, posteriormente, a levarão até a escrita.

Para Kellogg (2005) todos os desenhos que uma pessoa fará têm por base os movimentos que tiveram início em sua primeira infância e que eram, geralmente, registrados em papel ou massinha. Como vemos em Lowenfeld e Brittain (2010, p. 115) “a arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem”.

A interação é importante, pois a criança gosta de imitar o que o adulto faz, ela observa seus gestos e ações e tenta reproduzir, ela se interessa pela ação e não pelo que o adulto está fazendo. Por isso é fundamental o incentivo, tanto da família como da escola, oferecendo-lhe repertório suficiente para que possa ampliar seus conhecimentos e suas ações. Os pais e os professores devem ficar atentos para deixar a criança se expressar livremente, evitar comentários negativos e não devem apressá-la para que saia da fase das garatujas, pois essas manifestações são importantes para o seu desenvolvimento e ações futuras.

Quando a criança é reprimida pode passar a ter medo de se arriscar e, conseqüentemente, de se expressar. Podemos concordar com Martins, Picosque e Guerra (2008, p. 102), quando dizem que a “arte é a linguagem básica dos pequenos e deve merecer um espaço especial, que incentive a exploração, a pesquisa, o que certamente não será obtido com desenhos mimeografados e „exercícios de prontidão”. Os processos pelos quais as crianças passam são mais importantes que o produto final e, por isso, merecem tanta atenção. Após a fase das garatujas, entre 04 e 07 anos a forma de se expressar da criança passa a

apresentar outras características: ela descobre que tudo tem um nome, um significado e um porquê. Nessa fase, o jogo do faz de conta está muito presente na vida da criança quando uma vassoura pode ser seu cavalinho, ou uma caixa de papelão pode representar seu carro.

No desenho os seus rabiscos vão, aos poucos, depois de inúmeras tentativas, se tornando letras e ela passa a diferenciar a escrita do desenho. Seus traços começam a ser controlados e, geralmente, o primeiro símbolo que a criança constrói é a figura humana.

A criança nesta fase busca em suas experiências um modo para representar o homem como um todo. Ela não se preocupa em organizar as cenas no papel, seus desenhos são dispostos de forma aleatória, os objetos podem aparecer acima, abaixo, ou nos cantos do papel, pois a criança os desenha da forma como os compreende e não conforme a realidade. Procede da mesma maneira com as cores. Um cachorro pode ser azul ou rosa, uma vez que não se incomoda com o aspecto visual e sim o afetivo que a cor proporciona.

A figura humana vai aos poucos se enriquecendo de detalhes, como as orelhas e o umbigo e isto influenciará outros desenhos, como por exemplo, ao representar flores ou animais manterá as características humanas como boca, nariz e olhos. Nas representações com massinha ou argila a criança também apresentará evoluções, e aos poucos, as figuras deixam de ser bidimensionais, para serem tridimensionais.

Os desenhos das crianças, assim como todas as suas formas de expressão podem ser considerados um reflexo da sua criatividade infantil, pois são os registros dos seus sentimentos e das suas percepções do meio, o que proporciona ao professor um modo de compreender melhor seu aluno e assim ajudá-lo, pois “a arte infantil faculta-nos não só a compreensão da criança mas também a oportunidade de estimular seu desenvolvimento, através da educação artística” (LOWENFELD e BRITAIN, 2010, p. 176).

É através das aulas de Arte que o professor irá estimular seu aluno a investigar, inventar, explorar e, mesmo cometendo erros, ele não terá medo de liberar sua criatividade. O professor deve apresentar a atividade como algo essencial para a criança, e também deve estar motivado com o trabalho, não apenas orientando de forma mecânica, mas fazendo a criança sentir sua importância para que a atividade seja significativa para o aluno.

De acordo com as idéias de Martins, Picosque e Guerra (2008) é no jogo de faz de conta, ou jogo simbólico que a espontaneidade estética e a capacidade de criação ficam evidentes, quando a criança inventa e representa situações através da imagem simbólica de objetos ausentes. Ela representa de forma espontânea, mas não tem intenção de representar teatralmente uma história com começo, meio e fim. Podemos dizer que a principal

característica desse segundo movimento expressivo é a possibilidade de inventar da criança, de criar a partir de suas próprias idéias.

Nessa fase o trabalho do professor é muito importante devendo incentivar a criança a se expressar, a imaginar outras possibilidades, caso contrário o aluno poderá se tornar apenas um repetidor de respostas e modelos prontos, pois a “perda do „lúdico“ provoca na criança o envelhecimento precoce e a atrofia da espontaneidade” (SANS, 2005, p. 22).

Aos poucos a criança apresenta novas características quanto ao desenvolvimento expressivo. Por volta dos 07 anos, quando já está sendo alfabetizada, sente necessidade de registrar tudo o que descobriu ou inventou, “as soluções gráficas que encontra, a invenção de novas relações, são algumas das peripécias criativas que a criança vai produzindo para registrar o que vê, sabe, intui e imagina” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2008, p. 110). A principal particularidade dessa fase do desenvolvimento expressivo é o aparecimento da linha de base ou o “chão” e nela a criança irá apoiar todos os seus desenhos, sendo que em algumas ocasiões poderá também utilizar a borda do papel como “chão”.

Por ser exigente consigo mesma, busca fazer suas representações da forma mais realista que conseguir o que, muitas vezes, a deixa insegura e com medo de errar. Tentando evitar os erros usa constantemente a borracha ou se apóia no uso da régua. A linha de contorno também lhe dá segurança na representação.

A busca pela realidade também influencia o uso das cores, pois as representações passam a ter cores convencionais, como os telhados vermelhos, a grama sempre verde e as nuvens sempre azuis sobre fundo branco. Outra característica presente no desenho é a transparência que, de acordo com Sans (1995, p. 30) [...] é comum, também, a criança desenhar o que sabe existir, mesmo que esteja escondido. Ao desenhar uma casa, ela pode colocar, no mesmo plano das linhas de contorno, os móveis que estão dentro dela. Por volta dos 09 e 10 anos a criança entra na fase do “eu não sei desenhar”.

O professor precisa estar atento à autocrítica que está sendo desenvolvida por ela, ao comparar o real ao que foi produzido, “é comum um número grande de alunos perguntar ao professor se o seu trabalho de Arte está certo ou errado. A noção de aprovação e reprovação é tão forte, que eles se sentem tolhidos e inseguros para se expressar” (BUORO, 2000, p. 36).

Nesse momento o professor precisa mostrar à criança que há outras possibilidades de representação e, para isso, pode enriquecer seu repertório através de observações de obras ou figuras, podendo, também, discutir com a classe ou individualmente outras maneiras de representação. O importante é que o professor desafie seu aluno para que ele desenvolva sua poética pessoal.

A presença da organização e da regra faz surgir nas criações teatrais das crianças uma outra linha, a linha de palco, que divide o palco da platéia. De acordo com as autoras Martins, Picosque e Guerra (1998) é importante que nesse período a criança aprenda uma música que goste, pois ela está em sintonia com a produção musical de seu meio. É importante ainda que o professor coloque a criança em contato com produções de outras épocas e culturas para que ela desenvolva a “escuta ativa” e perceba os diferentes aspectos estruturais e emocionais da música aumentando, dessa forma, seu repertório e valorizando a produção musical do ser humano. Nessa fase também tem início o interesse por trabalhos em grupos, em todas as linguagens artísticas (teatro, dança, música e artes visuais) e essa necessidade será ainda maior na próxima fase do seu desenvolvimento expressivo.

Ainda de acordo com Martins, Picosque e Guerra (2008, p. 114) podemos levar “desse terceiro movimento expressivo a invenção de relações e regras que geram critérios próprios, na busca de soluções criativas que vão alimentando um pensamento criador com maior autonomia”.

A cada fase que a criança passa, desenvolve mais sua criatividade e conseqüentemente sua autonomia, tendo assim mais facilidade para se expressar e se comunicar com o mundo. Quando tem entre 09 e 12 anos, aproximadamente, a criança começa a deixar de ser criança e tornar-se adolescente, entrando na Idade da “Turma” (início do realismo) de acordo com Lowenfeld e Brittain (2010), e/ou no quarto movimento, quando desenvolve sua poética pessoal, como afirmam Martins, Picosque e Guerra (2008). Nesse período o adolescente sente a necessidade de estar em grupos, ele está mais crítico e autônomo, percebe que faz parte de uma sociedade, [...] a descoberta de interesses semelhantes, de segredos compartilhados em comum, do prazer de realizar coisas em conjunto, torna-se acontecimento fundamental. Existe a crescente conscientização de que se pode fazer mais em grupo do que estando só, e de que o grupo é mais poderoso do que a pessoa solitária (LOWENFELD e BRITTAİN, 2010, p. 229). Essa necessidade não deve ser reprimida. Por mais que a adolescência seja uma fase complicada na vida do ser humano, a família e a escola precisam ser pacientes e saber trabalhar esse quarto movimento, pois cada adolescente se expressa de uma maneira particular. Podemos dizer que a principal característica dessa última fase é a autonomia que está sendo desenvolvida pelo adolescente, a sua busca pela própria identidade e poética pessoal, que se reflete diretamente em sua expressão artística. Podemos enfatizar mais uma vez que é nas aulas de Arte, junto ao professor, que isso pode ocorrer, desde que seu trabalho seja instigante e voltado para o desenvolvimento pleno do aluno.

O professor nesse processo de mediação dos conhecimentos e da formação da personalidade tem um papel de suma importância, por isso deve ser mentor dessa interação educação e artes visuais, fazendo dessa relação um instrumento significativo para romper com barreiras, quebrar paradigmas e desconstruir a indisciplina no âmbito escolar.

Durante todo o seu desenvolvimento expressivo a criança conhece e aprimora saberes, técnicas e sensações, construindo assim, sua poética pessoal. É nesse aprimorar/construir que se faz necessária uma boa prática pedagógica desenvolvida pelo professor.

Podemos concordar com Ferraz e Fusari (2009, p. 49) quando explicam que “no encontro que se faz entre cultura e criança situasse o professor cujo trabalho educativo será o de intermediar os conhecimentos existentes e oferecer condições para novos estudos”. O papel do professor é mediar os conhecimentos, apresentar novos saberes aos que a criança já possui. Tudo o que ela adquire, seja por intermédio do professor ou do seu meio (família, colegas, sociedade), ajuda no desenvolvimento de suas expressões e percepções.

O professor como principal mediador dos conhecimentos, precisa apresentar à criança situações que lhe possibilitem ampliar e enriquecer suas experiências, de modo prazeroso e lúdico. De acordo com os PCN -Artes (1997, pp.47 e 48) “aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado”, dessa forma é função do professor escolher quais os recursos didáticos mais eficientes para expor os conteúdos, “observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz”.

Vários fatores são importantes para que as aulas sejam significativas para as crianças, como ter um ambiente estimulante e desafiador, acolher o que os alunos trazem e trabalhar com o cotidiano das crianças, ou seja, com o repertório oferecido pela comunidade (PCN – Artes, 1997).

De acordo com os PCN –Artes (1997, p. 110), o professor é um “criador de situações de aprendizagem”. Ele é o incentivador, estimulador, o profissional que trabalha para que suas aulas sejam significativas para seus alunos.

O professor de Arte precisa estar atento ao trabalho que está desenvolvendo com seus alunos, analisar se está ajudando a desenvolver mais sua percepção, buscando assim a construção de sua poética pessoal, pois:

[...] valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, “falas”, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam idéias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 2008, p. 118).

É necessário que o educador analise e valorize o processo e não o produto final, incentive o aluno a buscar e criar, a se sensibilizar com as cores, gestos e sons. O trabalho do professor é incentivar e valorizar a imaginação dos alunos, ouvir e ver o que já sabem fazer. Segundo as autoras Martins, Picosque e Guerra (2008, p. 118) “é exercitando esse pensar imaginativo que podemos encontrar soluções inovadoras e ousadas, seja no campo da ciência, seja no da arte”.

Já o autor Larrosa (2003, pp. 51 e 52) nos apresenta uma definição de professor um pouco mais poética. Afirma que professor é “alguém que conduz alguém até si mesmo” e, se olharmos para nossa vida encontraremos “alguém que, sem exigir imitação e sem intimidar, mas suave e lentamente, nos conduziu até nossa própria maneira de ser”.

Após essas definições podemos dizer que o bom professor é aquele que se empenha no que faz e que tem como objetivo o crescimento e o desenvolvimento de seus alunos. O professor nas aulas de Arte deve visar o desenvolvimento da poética do aluno e do seu modo de se expressar, não de forma impositiva, mas incentivando suas produções. É preciso estar atento, pois de acordo com os autores Lowenfeld e Brittain (2010, p. 78) “um mau professor é pior do que não haver professor algum”.

Ao conduzir o aluno a si mesmo, o professor pode trabalhar estimulando o desenvolvimento de sua criatividade, o que facilitará a construção de sua poética pessoal e de sua forma de ver, sentir e se expressar no mundo.

Para Lowenfeld e Brittain (2010, p. 48) “as crianças que ficam inibidas em sua criatividade, por regras ou forças que lhe são alheias, podem retrair-se ou recorrer à cópia ou ao desenho mecânico”. Para que isso não ocorra é importante o trabalho do professor como mediador e incentivador. A poética pessoal, assim como a criatividade e o gosto pela arte, só serão desenvolvidos se fizerem sentido para a criança.

Para Martins, Picosque e Guerra (2008, p. 128) [...] o que „decoramos“ ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós. É um conteúdo momentâneo, por isso conhecimento vazio que no decorrer do tempo é esquecido. Não faz parte de nossa experiência. Só aprendemos aquilo que, na nossa experiência, se torna significativo para nós.

As aulas de Arte precisam ser significativas. O professor precisa conhecer seus alunos, partir de suas preferências, do que já sabem e ampliar o seu repertório. Para isso ele pode levar para a aula materiais diferentes, incentivar as produções dos alunos, questionar qual o significado do que fizeram e propor situações problemas para que busquem diferentes respostas, novas formas de se expressar, colocando em prática seu potencial.

Nas aulas de Arte o professor deve utilizar as quatro linguagens artísticas (artes visuais, dança, música e teatro) como forma do aluno se expressar significativamente e não apenas as visuais, como ocorre na maioria das vezes.

De acordo com Fayga Ostrower (1987, p. 130), a criatividade da criança é diferente da criatividade do adulto; “nas crianças, o criar – que está em todo seu viver e agir – é um tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma”, ela pode até mudar o ambiente, mas não é esse o seu propósito, pois tudo o que faz é para saciar suas necessidades.

A criança se expressa através da arte com mais facilidade, pois em sua produção artística, que é sua criação, não há certo ou errado. Para Lowenfeld e Brittain (2010), a criatividade é uma ação, é um comportamento em que a criança produz e constrói continuamente.

O trabalho mediador desenvolvido pelo professor ajuda no desenvolvimento da capacidade de criação da criança. Através de suas orientações o professor pode motivar os alunos. Para isso pode utilizar perguntas, situações problemas, projetos, partindo sempre das necessidades dos alunos e do que lhes desperta o interesse, ampliando seus conhecimentos e sua visão.

Outro fator importante é o professor conhecer as características do desenvolvimento expressivo das crianças, mesmo que estas não sigam regras fixas de comportamento e idade, pois podem favorecer o seu trabalho de mediação e, o fundamental, é que ele conheça cada um de seus alunos.

Podemos concluir dizendo que a arte é importante para a criança, pois enquanto cria, desenha, canta, dança ou representa uma cena ela é livre para expressar suas idéias e seus sentimentos. É durante as aulas de Arte que a criança vai aprender a ouvir, a ver e a sentir. Não queremos dizer que essas habilidades não possam estar presentes nas outras disciplinas, até devem, pois os conhecimentos precisam ser integrados, mas é no contato com a arte, com o professor que gosta de arte e que a leva para a sala de aula, que a criança vai aprender a gostar de arte. Ele vai entender, através do comportamento de seu educando e dos seus momentos de apreciação e reflexão que essa disciplina é mais do que um “momento de repouso”, ela representa um agente transformador de atitudes que poderão ser levadas para toda a vida.

Para Larrosa (2003) “se alguém lê ou escuta ou olha com o coração aberto, aquilo que lê, escuta ou olha ressoa nele; ressoa no silêncio que é ele, e assim o silêncio penetrado pela forma se faz fecundo. E assim, alguém vai sendo levado à sua própria forma” (p. 52).

Podemos dizer que quando o professor e a criança alcançarem esse momento, terão entendido o verdadeiro significado da arte.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa a ser realizada tem caráter bibliográfico, será realizada a partir de publicações de livros, teses, monografias, jornais, revistas, sites relacionados, etc. A metodologia adota para o desenvolvimento do presente estudo consiste numa pesquisa de caráter bibliográfico, que segundo Fonseca (2002, p. 32) a pesquisa bibliográfica.

[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Portanto, os dados coletados serão de natureza qualitativa. Segundo Richardson (2009, p. 80) menciona que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Ressalta também que podem “contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos”.

4.1 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A técnica utilizada para coleta dos dados da pesquisa em pauta foi a técnica de documentação indireta, através da pesquisa documental e bibliográfica. Segundo Fonseca (2002, p. 32),

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Na coleta de dados, o importante não é somente coletar informações que dêem conta dos conceitos (através dos indicadores), mas também obter essas informações de forma que se possa aplicar posteriormente o tratamento necessário para testar as hipóteses.

4.2 PROCEDIMENTO DE TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

No desenvolvimento da análise das informações, Quivy e Campenhoudt (1995, p. 222) enfatizam que

[...] cada hipótese elaborada na fase de construção expressa as relações que pensamos serem corretas e que devem ser confirmadas pela coleta de dados. Os resultados encontrados são os que resultam das operações precedentes. É comparando os resultados encontrados com os resultados esperados pela hipótese que poderemos tirar as conclusões.

Se houver divergência entre os resultados observados e os resultados esperados, será necessário examinar de onde provém esse distanciamento e em que a realidade é diferente do que se presume no início, elaborando novas hipóteses e, a partir de uma nova análise dos dados disponíveis, examinar em que medida elas se confirmam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a arte voltada para a educação do desenvolvimento do indivíduo, da formação de seu senso crítico e afetivo, está sendo desvalorizada. Muitas vezes as pessoas não são incentivadas a buscar dentro de si algo novo e criativo. A imagem que nos é passada é a de apreciação das grandes obras e não a do despertar da capacidade criadora. Para que isso ocorra, podemos como professores, fazer uso das linguagens artísticas (teatro, dança, música e artes visuais) que são carregadas de sentidos e fazem parte da condição humana, para desenvolver nos alunos a capacidade de se relacionar, de sentir e de assumir uma consciência crítica.

Este trabalho nos possibilitou uma reflexão sobre a arte, mostrando como ela é importante na formação da criança. Assim como os outros componentes curriculares, a disciplina Arte é relevante em seu processo de formação. As aulas de Arte, assim como os professores, não precisam visar a formação de pintores, escultores ou peritos em artes, mas devem buscar ampliar o conhecimento e sensibilidade dos alunos tornando-os indivíduos criativos e dinâmicos inseridos no contexto da sociedade.

Buscamos no decorrer deste oferecer informações, despertar reflexões e análises, com a expectativa de gerar caminhos para melhorar a forma como o ensino e a aprendizagem pode se tornar mais dinâmico e prazeroso, quando se insere neste contexto as artes visuais, de forma interdisciplinar nas escolas.

Apontamos no decorrer desta análise a importância do professor estabelecer uma prática pedagógica que valorize a arte, assim como suas linguagens artísticas, procedimentos, desenvolvimento da criatividade e poética pessoal da criança como conteúdos que devem estar presentes constantemente.

Também um ambiente adequado, o domínio por parte do professor do que está sendo ensinado e o conhecimento sobre o desenvolvimento expressivo da criança, seu entusiasmo e, acima de tudo, conhecer cada aluno e trabalhar com a sua realidade, sempre de forma contextualizada, proporcionando-lhes aulas significativas, prazerosas e de grande aproveitamento para a aprendizagem.

Podemos concluir dizendo que para a arte visual alcançar uma aprendizagem satisfatória, necessário se faz que esta seja trabalhada de forma interdisciplinar valorizando acima de tudo os componentes programáticos das disciplinas tendo clara a ideia de que as artes visuais são preponderantes para o desenvolvimento da criança. Assim sendo, será

necessária uma conscientização e tomada de atitude por parte do professor e de toda a escola. Não uma atitude conformista ou lamentadora, que olha para os acontecimentos com pesar, buscando culpados e prosseguindo com os mesmos objetivos e atitudes já instaurados, mas um agir, que busque uma verdadeira mudança, em que todos assumam a postura de educadores e trabalhem para essa conquista, visando sempre o melhor para o aluno, com o objetivo de torná-lo um cidadão crítico, criativo e que saiba ver, ouvir e sentir com o coração, preparado para atuar na sociedade e construir a sua história.

Os resultados obtidos demonstraram aspectos significativos para refletirmos sobre os processos de ensino-aprendizagem em artes visuais e a formação continuada dos profissionais atuantes dentro do universo educacional.

Através desse trabalho, foi possível demonstrar, de forma prática, o que se pensa, se faz e o que se discute no âmbito escolar em relação aos processos de ensino-aprendizagem de artes visuais. Além da atuação prática no universo das escolas de educação básica que deve ser possibilitado, este trabalho também proporcionou a oportunidade de refletirmos propostas e ações mais atualizadas e concretas do ensino de artes visuais, fortalecendo a pesquisa individual e a formação de um suporte teórico-metodológico acerca da nossa área de atuação.

A participação em oficinas é sem dúvida uma maneira de oportunizar a criação de estratégias para a realização do trabalho de formação continuada juntamente com os professores que já atuam nas escolas, colocando-nos em contato com experiências e vivências significativas realizadas por esses profissionais.

Entre todas as discussões desencadeadas durante esta abordagem, muitas das questões que foram levantadas evidenciaram as grandes dificuldades por parte dos professores em transpor para a sua realidade propostas de ensino de arte que adquirem através de livros, dos cursos que fazem e nas próprias oficinas consolidadas a partir do nosso trabalho. Existe ainda, por parte desses professores, a busca das “receitas” ideais para ensinar artes visuais em sala de aula e, muitas vezes, os mesmos preferem exercícios prontos, a concepções mais abrangentes para assim elaborarem as suas propostas pedagógicas.

Pudemos perceber que, apesar de todas as dificuldades apresentadas, os resultados obtidos com o trabalho nos demonstraram a abertura de novas concepções e entendimentos sobre a prática docente como fomenta para as artes visuais e método para dinamizar as aulas e minimizar os impactos ocasionados pela indisciplina dos alunos.

Novos conceitos e concepções em arte visuais foram devem ser assimilados pelos professores, no sentido de galgar experiências estético-artísticas fundamentais para o entendimento desses conceitos.

Acreditamos que o trabalho desenvolvido proporcionará aos leitores a oportunidade de estruturar caminhos significativos para o ensino das artes visuais. Caminhos esses que deverão fazer com que não só surjam propostas educativas, como também, sejam fundamentalmente (re)pensados e (re)definidos juntamente com os autores envolvidos no processo ensino e aprendizagem alternativas possíveis para o desenvolvimento de um ensino de artes visuais real, significativo e contextualizado com o universo das escolas públicas considerando especificamente a realidade de cada escola.

Desenvolver através da arte a integração entre os aspectos sensíveis, intuitivos, estéticos e cognitivos a promoção de interação e comunicação com o mundo e a sociedade buscando, por meio destes a construção de diálogo, solidariedade, a justiça, o respeito mútuo, a valorização do ser humano, a paz e cuidados com a natureza, é o objetivo central e principal na prática pedagógica a partir das artes visuais, seja na Educação Infantil, seja no Ensino Fundamental ou Médio.

A arte promove a ampliação do conhecimento de mundo que possuem. A manipulação de diferentes objetos e materiais, a exploração de suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e ao entrar em contato com formas diversas de expressão artística, como também a utilização de diversos materiais gráficos, plásticos, naturais e descartáveis sobre diferentes superfícies pode ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação.

Desenvolver o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção, criação, trabalhos e objetos produzidos individualmente ou em grupo, criando cuidados com o próprio corpo no contato com os suportes e materiais de arte promovem a dignidade humana e conduzem as crianças na construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, André (coord.). **Diálogos entre arte e público** – Caderno de Textos. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2009.
- BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane e SALES, Heloisa Margarido. **Artes Visuais: da exposição à sala de aula**. São Paulo: Edusp, 2005.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares/Secretaria de Educação Especial**. – Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1997. 62p.
- BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo, Scipione, 2006.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3 ed. Curitiba: Criar Edições, 2011.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto: 2009.
- FERRONATO, M. B. L **O papel da família na formação da personalidade**. São Paulo: Cortez, 2010.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 4 ed. 1984.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 79 p.
- FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FURLANI, L. M. T. **Autoridade do professor: meta, mito, nada disso?** São Paulo: Cortez, 2008.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores**. Porto Alegre, Artmed, 2011.
- _____. **O desenho cultivado na criança: Prática e Formação de Professores**. São Paulo, Zouk, 2006.

- KELLOGG, Rhoda. **Analisis de la expresión plástica del preescolar**. 5. ed. Madri: Editorial Cincel, 2005.
- KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Org.). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 2008.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papirus, 2008.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 2010.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação – da antigüidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2009, 382 p.
- MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: tecendo encontros sensíveis com a arte. In: ARTEunesp. N. 13, p. 221-234. São Paulo: 2008.
- _____, PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Arte por escrito/Rizoma Cultural, 2008.
- _____, PICOSQUE, Gisa e GUERRA, M. Teresinha. Didática do ensino de arte - a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 2009.
- NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas, Papirus, 2010.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PIAGET, Jean. **A educação da liberdade**. Trad. Telma P. Vinha in Piaget: teoria e prática. Campinas: Tecnicópias, 1996.
- PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino de Artes**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2003.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992. p.155-206.
- RAINHO, J. M. **Pequenos Rebeldes**. EDUCAÇÃO. Volume 12, junho de 2010 p. 40 – 52.
- RATHVON, Natalie. **The unmotivated children**. New York : Simon and Schuster, 2006.
- RICHARDSON, Roberto Jarry e Colaboradores. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2009.
- ROSENTHAL, Robert; JACOBSEON, L. **Pygmalion in the classroom: teachers expectation and pupils' intellectual development**. New York : Holt, Rinehart & Winston, 2008. 227 p.

- SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A Criança e o Artista**. Campinas: Papirus, 2005.
- STIPEK, Deborah. **Motivation to learn**. 3. ed. Boston : Allyn & Bacon, 12008.
- VASCONCELLOS, Celso. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 4. ed. São Paulo : Libertad, 2005. 110 p.
- VINHA, T. P. **Pensando a Escola – Entre o sim e o não, a difícil tarefa de construir a moralidade infantil**. AMAE Educando. Campinas: agosto de 2009. Ano XXXII, n.º 285, p. 6 – 12.
- WIELKIEWICZ, Richard. **Behavior management in the school**. 2. ed. Boston : Allyn & Bacon, 1995. 261 p.
- XIMENES, S. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2 edição 2010.
- ZAGURY, T. **Educar Sem Culpa**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- ZANELLA, Andréia Vieira. Mediação pedagógica: reflexões sobre o Olhar estético em contexto de escolarização formal. **Revista de Reflexão e Crítica**. 2004.